

FORTUNA CRÍTICA



HENRIQUETA LISBOA E O TEMA DA MORTE – PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS¹⁰⁹

Paschoal Rangel

Henriqueta Lisboa não se conformava em ser transformada na “poeta da morte”. “Não me considero tal”, escreveu ela em “Poesia: minha profissão de fé”. “Reconheço que o tema da morte me tem sido constante, como na obra de inúmeros poetas de todo o mundo, pois infinitamente sugestivo, aberto a hipóteses e voos incalculáveis.” Concordava que “em determinada fase de minha vida, esse assunto se tornou explosivo, em virtude de dolorosas circunstâncias. Celebrei-o no volume *Flor da morte*, e já o abordara em composições de *A face lívida*, livro de angústia, temor e repulsa, ao tempo em que se alastrava a 2ª guerra universal (*sic*)”. A poeta faz questão de notar que sua poesia esteve sempre envolvida com uma ampla temática metafísica, “tanto antes como depois [da fase de *A face lívida* e de *Flor da morte*] tenho visado, de modo pertinaz e intenso, a essência do ser, a substância do que é vital, a ansiedade da criatura em busca da perfeição e do infinito, os mistérios da natureza, o próprio mistério do processo poético, o relacionamento entre a alma e Deus, a caminhada da alma à procura de Deus”. E exemplifica: “Meus livros *Velário*, *Azul profundo*, *Além da imagem*

109 In: RANGEL, Paschoal; CARVALHO, Abigail de Oliveira; SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org.). *Presença de Henriqueta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 85-91.

e *O alvo humano* podem testemunhar essa concentração de índole metafísica ou ontológica”. E logo pede desculpas pela grave solenidade dos termos metafísica e ontologia.¹¹⁰

Apesar disso, e até por causa dessa constante preocupação metafísica, a morte – talvez a mais filosófica das situações humanas – é uma das marcas mais inapagáveis da poesia de Henriqueta. E, se não me engano, abre-se aí, para os críticos, inéditas e provocantes perspectivas. O que já se escreveu sobre o assunto não passa muito da superfície. Haveria vários registros a considerar, desde o linguístico ou estilístico até o psicanalítico, ideológico ou mitológico. Deixando isto aos mais competentes, pretendo ao menos indicar algumas pistas para uma análise, digamos, filosófica – que está mais dentro de minha formação específica – da temática da morte em Henriqueta Lisboa.

Não é possível, aqui, fazer nem mesmo uma leve pesquisa sobre o que a filosofia tem falado, ao longo da sua história, sobre a morte. Nem é o que interessa no momento. Vamos apenas tomar como ponto de partida um filósofo contemporâneo, talvez o maior filósofo contemporâneo, Martin Heidegger. Como nos diz Henriqueta Lisboa no poema “Mistério”, tirado do livro *Flor da morte*:

Na morte, não. Na vida.
Está na vida o mistério.

Henriqueta tem razão. Como notara Heidegger em sua análise fenomenológico-existencial, em *O ser e o tempo*¹¹¹: a morte faz

110 LISBOA, Henriqueta. *Vivência poética*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1979. p. 18-19.

111 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Halle (Alemanha), no *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, vol. III. Tradução francesa de R. Boehm e A. de Waelhens, Gallimard, 1964; tradução em espanhol de José Gaos, México, Fondo de Cultura Económica, 1951; acaba de sair uma edição brasileira pela Vozes de Petrópolis, tradução de Emanuel Carneiro Leão. Os parágrafos em que o filósofo estuda especificamente a morte vão do 46 ao 53.

aparecer o cadáver, o fim do ente enquanto *Dasein*, isto é, enquanto o ser humano é ser-no-mundo, no meio das coisas, disponível, à mão: *Zuhandenes*. O cadáver está ali, *ob-jecto*, posto diante de nós, *Vorhandenes*, mas inexplicável por si mesmo. Não é mais uma “existência humana”: o homem não *está* mais *aí*, a não ser como memória. Memória de uma vida. O cadáver refere-se a uma biografia. Não é uma “coisa” morta. É uma biografia absolutamente única, indevassável no que tem de mais íntimo, sobretudo no que se refere ao seu ser-para-a-morte.

Há uma maneira exclusiva, intransmissível de um *Dasein*, de um ser-aí, portanto, de um ser-no-mundo, que é o homem, se relacionar com a *sua* morte. Não há “a” morte, como se todas as mortes fossem a mesma coisa, ou como se esta morte pudesse ser de qualquer um. É impossível *morrer* por alguém. “Não posso deixar *meu* morrer para outro”, diz Heidegger. (Aliás, em outro grande filósofo contemporâneo, Gabriel Marcel, há uma importante meditação sobre “meu” corpo, que parece ecoar um pouco este “meu” morrer, de Heidegger.)¹¹²

Claro que alguém pode *oferecer-se* por outro, sacrificar-se e ir até à morte por outro. Mas o *morrer* dele nunca será o *morrer* do outro. A morte de cada um é um processo, um ir-se fazendo, um ir-se totalizando de cada ser-aí, de cada “existência humana”.

Neste sentido, a morte é impenetrável. Como é impenetrável a vida. Porque é impenetrável a vida. Uma experiência intransferível.

A tradução de Boehm e Waelhens (pelo menos a que eu possuo) não chega a esses parágrafos. Mas encontra-se uma tradução dessa parte em francês no volume *Qu'est-ce que la métaphysique*, Gallimard, 1938, p. 63 e ss., em tradução de H. Corbin. Gostaríamos de observar que o vocábulo “existenciário” é uma sugestão de José Gaos, para transpor menos mal a diferença entre *existentiel* (que traduziríamos por *existencial*, o que se refere aos entes, ao ôntico) e *existential* (existenciário), que se refere ao ontológico, ao Ser, ao que é constitutivo do ser.

112 MARCEL, Gabriel. *Le mystère de l'être*. Paris : Aubier, 1951. p.109-113. Ver também TROISFONTAINES, Roger. *De l'existence à l'être: la philosophie de Gabriel Marcel*. Louvain: Nauwelaerts; Paris: Béatrice-Nauwelaerts, 1968, t. I, p. 235-236. (As frases de Heidegger citadas foram traduzidas livremente.)

Heidegger, como filósofo, não sabe se a morte é um totalizar-se do ser-aí. Ele não sabe metódica, cientificamente se a morte é o fim, o completar-se. Aliás, do *Dasein* é impossível retirar a sua constitutiva “não totalidade”. “O ser-aí existe, em cada caso, justamente de tal maneira, que sempre lhe *cade* seu *ainda-não*” (grifos no original), isto é, sempre lhe falta alguma coisa – ser necessariamente inconcluso.

A morte poderia significar o fim do *Dasein*, na medida em que ele deixa de ser um ser-no-mundo, um ser-junto-às coisas, aos outros. Mas será o fim, no sentido de deixar de ser? Numa análise biográfico-biológica, sim, no sentido de deixar de ser. Numa análise ontológica, não. O ser-aí, a “existência humana”, é um ser-para-a-morte, mas essa morte não se reduz aos fenômenos fisiobiológicos, visíveis, experimentáveis, que estão sob nossos olhos. A morte não é um fenômeno deste tipo. A morte é uma iminência. Não porém como se diz que está iminente uma tempestade, quando o céu se turva de nuvens carregadas e negras. Esta iminência é uma contingência. A morte, não. A morte é iminente no sentido de que o ser humano é – permanentemente, constitutivamente, ontologicamente – um ser-para-a-morte; no sentido que a morte é um “poder ser” inseparável do ser-aí.

Por tudo isso, não é a morte exatamente o mistério. Mistério é a vida. A vida que carrega esse “poder morrer” a cada instante.

A poesia de Henriqueta está impregnada desses conceitos, imagens, sentimentos.

Na morte, não. Na vida.
Está na vida o mistério.

Um mistério indesligável do viver, do ser-no-mundo. Nada mais é banal ou cotidiano, porque tudo está marcado pela iminência da morte:

Em cada afirmação ou
abstinência.
Na malícia
das plausíveis revelações,
no suborno
das silenciosas palavras.

O mistério se fecha no morto. Enclausura-se. Incomunica-se. Como repetir a experiência da morte de alguém? O homem morre. E o mistério se esgota nele:

Tu que estás morto
esgotaste o mistério.

Um mistério feito de vida, de aproximações e recuos:

Ora a distância perseguias,
ora recuavas.

Mas o que essas idas e vindas significavam?

Era o apogeu ou o nirvana
que tateando buscavas?

Quem sabe, interroga-se Henriqueta, o homem assim já estava buscando a morte? “Ah! talvez fosse a morte.”

O processo misterioso do ser-no-mundo, incontornavelmente marcado como ser-para-a-morte, sempre à procura do que lhe falta e sempre inconcluído, é um construir-se de enigmas acumulados, às vezes de fugas e quedas:

Não se sabia quando vinhas
nem quando partias. Eras
o Esperado e o Inesperado.

Uma das características desse mistério é a “gratuidade” de tudo o que acontece com o *Dasein*. Uma gratuidade que pode ser autêntica ou inautêntica, um dom ou uma fuga, um divertimento. De qualquer maneira, o *Dasein* é gratuito. Não a necessidade, não o *Fatum*, mas uma “difícil liberdade”, um não ter aparentemente causas:

Grandes navios viajavas
com a mesma estranha gratuidade
com que ao planalto descias

por uma escada de nuvens.
Belo de inconstância e arrojo
com teu lastro de intuições,
a um apelo da noite
todo te entregavas, trêmulo
entre carícias e tempestades.

Observem esse aparente sem sentido do homem, o ser-aí: as coisas se passam entre a beleza do arrojo e da inconstância não guiadas pela razão, mas pela gratuidade e as intuições, diante dos apelos da noite, isto é, da treva, do não-saber. E, não obstante, o ser-aí se entrega inteiro, “trêmulo entre carícias e tempestades”. Um verso, aliás, magnífico.

Há em tudo isso uma descrição poética da inconsequência com que o homem se deixa arrastar – por causa de sua impotência face ao mistério da morte (e da vida) – pela banalidade do cotidiano. Daquilo que Heidegger descreve tão fortemente em *O ser e o tempo* como a queda, a caída do ser-aí, quer dizer, do ser-no-meio-das-coisas que o envolvem e atraem na “cotidianidade” do trivial, na “tagarelice”, na “avidez das novidades”, na “ambiguidade”, caso ele não seja capaz de se autointerpretar, de encontrar-se e compreender a si e ao mundo.¹¹³

Então, o homem se torna um “fugitivo” de seu próprio ser; busca encobrir, mascarar, negar o seu ser-para-a-morte. Mas, no meio dessa fuga, pergunta Henriqueta, e apesar do fugitivo que foge de si mesmo, “Que mundo vinha nascendo?” E responde: “Ah! talvez fosse a morte”.

E ela persegue o fugitivo e o fotografa:

Conheceste os suspiros,
o lento disfarce do sangue,
as rosas do espírito, as secas
rosas nos dedos trituradas.
Por uma solução ansiavas...

113 HEIDEGGER, Martin. *O ser e o tempo*, parágrafos 29 a 38.

Ah! talvez fosse a morte.

E quando afinal a morte chega, indesviável, o ser-no-mundo, este homem misterioso, que se aproxima e foge, que volta e torna a partir, inconsequente entre arrojado e inconstante, quando a morte afinal se descobre para ele, incluível, ele começa a ser ele mesmo, existente, existência autêntica:

Agora estás poderoso
de indiferença, de equilíbrio.
Completo em ti mesmo, forro
de seduções e amarras.
Nada te açula ou tolhe.
És todo e és um, apenas.
A plenitude da água,
da pedra, tens.
E és natural, és puro, és simples como
a água, a pedra.

O poeta acaba sabendo mais do que o filósofo. O que o filósofo não pode dizer “pensando”, o poeta diz “poetizando”. Escreveria o próprio Heidegger mais tarde: “Entre o pensamento e a poesia reina um parentesco enormemente distante, porque ambos se dão ao serviço da linguagem e se entregam por ela”. Só que este serviço do “mesmo” é um serviço diferente, que acaba por colocar poesia e filosofia em caminhos diversos: “O que diz o poeta e o que diz o pensador não é jamais idêntico; apesar de eles poderem dizer o Mesmo, dizem-no de maneira diferente”.¹¹⁴

A poesia pode ser vanguardeira. Pode antecipar “sabedoria”. A filosofia precisa respeitar o método, os limites de seu caminhar. Por isso, Henriqueta “sabe” o que Heidegger se abstém de “saber”.

114 HEIDEGGER, Martin. Qu’ est-ce que la philosophie? In: _____. *Questions II*. Paris: Gallimard, 1968. p. 37. *Id.*, Que veut dire penser? In: _____. *Essais et conférences*. Paris: Gallimard, 1958. p.167.

Ele pode até suspeitar, mas não pode saber. Henriqueta, na verdade, tinha por si aquilo que Heidegger chamava “a antropologia desenvolvida pela teologia cristã”.¹¹⁵

Fique, de qualquer maneira, este esboço singelo e limitadíssimo de análise filosófica do tema da morte em Henriqueta Lisboa, como convite aos críticos e filósofos para uma abordagem mais ampla e profunda. Já que a poesia e a filosofia são maneiras diversas, mas aparentadas e privilegiadas de *dizer*. E este fato é uma provocação – com que nos acenava o próprio Heidegger – a “situar” a relação entre elas.

Henriqueta – sempre fascinada pelos temas metafísicos – é um dos poetas que oferecem vasto campo para este trabalho de aproximação ou comparação.¹¹⁶

115 HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Parágrafo 49, nota no fim do parágrafo.

116 Gostaríamos de observar que tomamos aqui para análise apenas o poema “O mistério” de *Flor da morte*. A análise seria imensamente mais rica se o tempo e o espaço de que dispúnhamos tivessem permitido ampliar o estudo.